

# O HUMOR GOITACÁ: A SÁTIRA E A CHARGE DE 1938 A 1969 NOS JORNAIS *MONITOR CAMPISTA* E *A CIDADE*

Adriana Michel Abilio Gebara<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste trabalho, a partir de uma abordagem descritiva, apresentaremos as primeiras manifestações do humor na imprensa de Campos dos Goytacazes (RJ) e os dois artistas do riso que marcaram, culturalmente, a sociedade goitacá. Para isso, foi necessária uma visita aos arquivos dos jornais *Monitor Campista* e *A Cidade*. Como resultado, obtivemos uma cronologia da sátira e da charge. Sem esse mergulho no túnel do tempo, não seria possível chegar ao cerne da pesquisa: fazer um levantamento da memória local, bem como analisar a linguagem humorística enquanto fenômeno cultural e, portanto, construtora de subjetividades.

**Palavras-chave:** Comunicação. Charge. Humor. Identidade local.

a história biográfica e anedótica é a menos explicativa, mas a mais rica do ponto de vista da informação, já que considera os indivíduos nas suas particularidades e detalha, para cada um deles, as nuances do caráter, a sinuosidade de seus motivos, as etapas de sua deliberação. Essa informação é esquematizada, depois abolida, quando se passa a histórias cada vez mais fortes.

(Paul Veyne)

## A CHARGE DE 1940 A 1944 NO *MONITOR CAMPISTA*

Ao caminhar pelas amareladas páginas do *Monitor Campista*, foi possível descobrir que, em 1940, a charge ocupava um espaço diário nesse jornal. A importância dada ao desenho era tanta que, às vezes, publicavam

---

<sup>1</sup> Professora da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes. Mestra em Comunicação e Cultura pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

duas charges em um mesmo dia. Outro fato importante de se observar é que os desenhos não eram traçados por artistas locais, apesar de residir em Campos competentes desenhistas como Gastão Machado, Gypson Machado de Freitas, entre outros. As charges eram importadas do Serviço da Agência Meridional, uma vez que o jornal *Monitor Campista* era ligado à empresa *Diários Associados*, que tinha como fundador o jornalista Assis Chateaubriand.

Os desenhos do período acima citado eram de F. Bruce, criador das legendas, e Martiniano, dos bonecos. As charges elaboradas por eles tinham como mote, na maioria das vezes, uma frase de lugar comum e eram intituladas como *Maneiras de dizer* ou como *Coisas impossíveis*. Nos dois casos, as imagens aparecem como referência literal ao discurso, ou seja, ao que está sendo dito. É isso que constrói a riqueza de suas linguagens, pois, através desse recurso humorístico sedutor, o discurso imagético consegue velar alguns preconceitos construídos pela sociedade.

Como confirmação, pode-se observar a seguinte charge:



Encontrar um malandro que seja, mesmo, "da corôa"... (02/09/1942)

Esta imagem exhibe um negro com uma coroa, objeto geralmente usado por reis, ou seja, por quem detém os poderes econômicos e governamentais. A legenda que aparece abaixo dessa imagem é: "Encontrar um malandro que

seja, mesmo, 'da corôa'...". Assim, torna-se evidente o preconceito racial. Segundo a imagem, o negro pode ser apenas malandro, mas rei nunca. Mesmo depois de ter sido "libertado".

Ou ainda, em uma leitura psicanalítica, observa-se que a imagem traz à tona o desejo dos mais pobres de serem reis mesmo que no Carnaval. Tal sentimento revela, assim, uma preocupação com a necessidade da produção de referências e de identidades ou com a busca de sentidos e de significados para as trajetórias de vida. O efeito de se viver um momento, por mais efêmero que seja, não é só recreação ou distração: atendem a importantes necessidades dos indivíduos por valores mais estáveis e por modelos de comportamento. Essas experiências são capazes de proporcionar aos atores sociais um forte sentido de pertencimento e de referencialidade.

Sloterdijk (1996, p. 43) explica:

Se disséssemos, seguindo Claessens, que os grupos humanos antigos teriam sido tirados da velha Natureza através de uma espécie de insularização, devíamos então agora, na continuação desta idéia, verificar que os grupos humanos começaram, desde que o fenômeno do domínio se tornou epidêmico, a explorar outros grupos de homens como se fossem naturezas exteriores. Segue-se assim à separação da velha Natureza também uma separação do homem a partir do homem [...]. Os homens tornam-se tão mais próximos um dos outros quanto mais estranhos se tornam uns dos outros. Liga-os agora a estranheza íntima de senhor e servo. Sociedade de classes é apenas um outro nome para um estado de coisas que ainda não foram pensadas até o fim.

Assim, diante de uma perspectiva histórica, aceita-se naturalmente que em um mundo politizado a partir de um centro, só se poderão sentir em casa indivíduos que ocupem o centro ou a proximidade desse universo. Por isso, a política é inseparável de uma dupla produção de homens: em uma, são produzidos realizadores altamente individualizados, por força da "educação"; na outra são produzidas grosseiramente massas de homens dirigíveis.

Tal posicionamento pode ser relacionado perfeitamente à sociedade campista, que era formada pela aristocracia e escravos negros e, portanto, constituiu-se em um segmento social imbuído de idéias conservadoras e ditatoriais. Por outro lado, pode-se pensar na publicação desta imagem como veículo reflexivo. A partir dela, o indivíduo é levado a tomar conhecimento do contexto social em que se encontra inserido, tornando-se capaz de interagir com seu meio de forma mais crítica. Talvez, foi pensando dessa forma que o *Monitor Campista* começou a abrir espaço para a charge, que esteve presente na planície goitacá por intermédio de seu primeiro jornal até 1944.

De 1945 a 1969, o *Monitor Campista* não presenteou a comunidade com nenhum tipo de linguagem humorística, ou seja, não se encontra nem charges e nem sátiras publicadas nesse período. Será que tal fato se deu pelo advento da ditadura?

No entanto, a sociedade campista começa a desfrutar de um outro tipo de discurso picante: a sátira.

#### **A SÁTIRA DE 1938 A 1969 NO JORNAL A CIDADE**

Deve-se ressaltar, ainda, que o humor, antes de 1940, não se encontrava oculto na imprensa de Campos dos Goytacazes, uma cidade conservadora. A crítica, o riso e o espaço aberto à opinião pública se faziam presentes nas sátiras de *Matias*, personagem assumido pelo capitão Júlio Nogueira, proprietário do jornal *A Cidade*. Pelo que se pode observar, a figura de *Matias* esteve presente no jornal *A Cidade* de 1938 a 1972, período marcado pela ditadura no país.

A publicação de *Matias* era diária. Antes de 1938, não foi possível verificar se ele já existia, porque não havia livros anteriores disponíveis no arquivo para a pesquisa. A proprietária do jornal, na época em que a pesquisa foi realizada, Ana Arêas, informou que estava mandando restaurar em torno de dezenove livros. Contudo, mesmo assim, tentou-se fazer uma linha cronológica da presença da linguagem humorística no jornal *A Cidade*.

É importante comentar que *Matias* tinha um comprometimento social muito grande e, por isso, a comunidade depositava confiança nele. Esse personagem funcionava como âncora da sociedade goitacá. Ele fazia críticas pertinentes às dificuldades passadas pela sociedade, tanto no eixo local quanto no nacional. O leitor, na próxima página, pode se certificar disso ao observar as imagens em que *Matias* se apresenta e critica o custo da alimentação e de vida de modo geral.

No entanto, seu papel social não pára nas críticas feitas ao contexto em que vivia. *Matias* reivindicava junto às autoridades a resolução de problemas comunitários como calçar e tapar buracos das ruas, espocar bombas nas festas de Santo Antônio, São João e São Pedro, orientar os indivíduos em como proceder diante de uma briga com o vizinho, aumentar número de bondes, entre outros. Todas essas questões foram apresentadas em sua coluna com muito humor e, em alguns casos, através de publicações de cartas de moradores de Campos. Tais textos eram feitos pelo capitão Júlio Nogueira, criando um diálogo e uma interatividade entre *Matias*, os escritores das cartas e os leitores do referido jornal



(Figura 1 - 20/03/1938)



(Figura 2 - 13/09/1941)

Com o passar dos anos, a partir de 1958, *Matias* teve sua imagem alterada bem como seu nome, que, em 1959, passou a ser *Matias Júnior* e em 1972, *Mathias II*. No entanto, seu valor social não sofreu mudanças. Desde o início até sua última publicação, *Matias*, ao construir subjetividades, manteve uma valiosa importância perante a comunidade. Como uma viçosa árvore, *Matias* semeou o passado e frutificou o presente. Por isso, faz-se necessário ressuscitar esse rico personagem da planície, para que os atuais residentes de Campos dos Goytacazes possam não apenas entender a relação passado/presente de sua urbe como também construir uma identidade.

## **Os dois jornalistas humorísticos mais importantes da planície no século XX**

Os dois jornalistas que mais se destacaram na arte do riso em Campos dos Goytacazes no século XX foram, sem dúvida, Gastão Machado e Laert Chaves. Eles, de forma inteligente e criativa, souberam unir o jornalismo à arte. O primeiro foi jornalista, teatrólogo, escritor e artista plástico. O segundo foi jornalista, poeta, trocadilhista e, além de sátiro, um místico. Por todas essas contribuições culturais à sociedade campista, se fez necessário (re)viver esses dois ícones do humor, que, atualmente, encontram-se adormecidos na memória da planície.

### **Gastão Machado**

Terminada a revolução de 30, a tropa comandada por Gwyer de Azevedo desembarcou na gare ao Saco e marchou até a redação do jornal *O Dia*, no trecho da rua 13 de Maio, que recebeu anos depois o nome de Santos Dumont. César e Godofredo Tinoco, seus diretores, apoiaram a revolução que acabou com a política do “café com leite”, que mantinha o Brasil no atraso, alternando o poder entre paulistas e mineiros. E colocou Getúlio Vargas no governo com o apoio dos gaúchos, nordestinos e dissidentes mineiros, estabelecendo a República Nova, definida pelo movimento conhecido como Tenentismo, que deu origem à revolta dos 18 do Forte e à marcha da Coluna Prestes.

Por volta do meio-dia, sob sol forte, populares ainda ovacionavam os heróis da revolução, atrapalhando o trânsito. Como ninguém se mostrasse disposto a dispersar os manifestantes e liberar a tropa, Gastão Machado, nos seus 31 anos de idade, ativo jornalista e secretário do jornal, além de autor teatral de grande sucesso, chega à janela do sobrado e dirige-se aos populares, que o ouviram em silêncio. Ele, alegando, que os soldados voltavam da guerra e precisavam ir para casa descansar, pediu aos manifestantes que se dispersassem em ordem. E foi atendido.

Gastão, líder identificado com o povo, garoto pobre, tipógrafo de *A Notícia* de Sílvio Fontoura, jornalista autodidata, que aprendeu a escrever compondo textos jornalísticos, se entendia bem com o político. Em 1924, segundo o jornalista Hervé Salgado Rodrigues, o comércio fechou em sinal de pesar pela morte do senador e ex-presidente Nilo Peçanha, mas o dono do Café High Life, no Boulevard, manteve a loja aberta, talvez sem a intenção de desmerecer a memória do político campista. Gastão, que não era dado à violência, de repente, num ímpeto, fechou a porta de aço. Um policial deu-lhe voz de prisão, sem que o proprietário da casa reclamasse do gesto do jornalista. Gastão reagiu dizendo que só aceitaria ser preso se o povo deixasse e foi aclamado pela multidão. O policial desistiu de prendê-lo e foi embora constrangido.

### **a) O Teatrólogo**

Com 31 anos, em 1930, Gastão gozava de grande prestígio na cidade. Além da liderança que alcançou com a revolução, ganhara popularidade com o sucesso de suas peças teatrais, encenadas em pavilhões que existiam na cidade, onde trabalhavam artistas de grande experiência no Rio e até no exterior, entre atores, carpinteiros e cenógrafos. Suas peças retratavam o cotidiano da cidade, com seus tipos populares e cenas urbanas que levavam os espectadores a rir-se de si mesmos.

Entre 1929 e 1943, ele escreveu, produziu e mostrou em teatros e pavilhões, 30 peças, entre revistas, comédias e dramas, de grande sucesso. *Campos é assim*, revista encenada em 1941, foi uma das mais aplaudidas.

Mas também escreveu *Campos em revista*, *Campos depois das dez*, *Campos está progredindo* e *Campos do meu coração*. Silvio Fontoura e Raymundo Magalhães Júnior (este trabalhou em jornais de Campos antes de tornar-se consagrado jornalista e escritor no Rio) foram seus parceiros em algumas revistas. Músicos como Benedito Tancreti, Sá Pereira, João Corta Frio, Álvaro Reis e Miguel Miranda, os melhores que havia em Campos, escreveram músicas especiais para a trilha sonora das peças de Gastão.

## **b) O Escritor**

Em 1929, pouco antes da Revolução, o teatrólogo havia lançado seu único livro, *Os crimes célebres de Campos*, com o prefácio de Silvio Fontoura, em cujo texto incluiu, além da narrativa dos crimes, pesquisas sobre a evolução dos serviços públicos, costumes e questões sociais da época do Império. Ele condenou o sistema escravista e a violência contra os negros, enfrentando o rancor dos donos de escravos.

Gastão também escreveu poesias, como o monólogo *Ser campista*, que incluiu em uma das suas revistas, em que revela seu amor à cidade e destaca, no espaço geográfico de Campos o lugar onde nasceu: a rua da Quitanda, ex Barão de Cotegipe e atual Theotônio Ferreira de Araújo.

### *Ser campista*

Ser campista! Que alegria!  
Eu juro que morreria  
se este não fosse meu berço!  
Permita, pois, que me expanda:  
— Sou da rua da Quitanda,  
Por trás da Igreja do Terço.

Quanta saudade da infância,  
a qual nem mesmo a distância  
dos anos, meu Deus, apaga!  
A “dança das jardineiras”,  
a investida às goiabeiras,  
colégio do “seu Fraga”...

As rifas de São João,  
os folguedos no valão  
o batoque na “Bacia”...  
E a vida se desabrocha,  
com os pegas do Zé Rocha  
que era da cavalaria...

Depois, o velho Liceu  
na era de seu apogeu,  
(Parai, ó tempo, a ampulheta!)  
a nossa turma, uns quarenta,  
ia toda p’ra Pimenta  
nos bons dias de gazeta

Nem tudo no olvido cai...  
Da mente não se me esvai  
este fato sempre novo:  
— Eu era bem garotinho  
quando Lacerda Sobrinho  
se batia pelo povo!  
Fui crescendo, fui crescendo  
e cada vez mais querendo  
a Campos dos Goitacás,  
planície de intensos brilhos,  
onde nasceram meus filhos  
e onde morreram meus pais!

Como eu me orgulho de ti,  
terra augusta de Peri,  
senhora de encantos mil!  
Campos de Benta Pereira,  
Cidade mais brasileira  
de todo o nosso Brasil.

### **c) O Artista Plástico**

Gastão foi também artista plástico, autor dos desenhos a bico de pena do seu livro *Os crimes célebres de Campos*, além de caricaturista. Em 1924, o prefeito Bruno de Azevedo, que era também presidente da Associação

Comercial de Campos, mandou colocar uma carrocinha nas ruas para recolhimento dos cães vadios que ameaçavam e sujeitavam a população a doenças. Gastão Machado e Sílvio Fontoura “tomaram assinatura”, como era de costume dizer-se, com o prefeito, que era muito sensível a críticas.

Sílvio Fontoura escreveu em parceria com Gastão Machado a revista *Pinga, Miséria & Companhia*, que era uma crítica à PMC, sigla da Prefeitura Municipal de Campos, numa alusão à autoridade, que, diziam seus opositores, gostava de tomar uma pinga e pagava mal ao funcionalismo. E que era também intolerante e ameaçou de agressão o poeta Claudinier Martins. Gastão, por sua vez, em charges publicadas em *O Dia* e *A Gazeta*, criticava o *Mata Cachorros* e decidiu escrever uma revista com o mesmo nome para encenar no Coliseu dos Recreios. Bruno de Azevedo suspendeu a peça na noite da estréia com uma liminar. Gastão recorreu e ganhou. Por isso, ele se gabava de ser o primeiro autor teatral do país a encenar uma peça com “habeas corpus”.

O Coliseu dos Recreios, construído pelo empresário Guilherme Ribeiro, numa área entre as ruas Barão de Miracema e Voluntários da Pátria, era um complexo de lazer com teatro, cinema, pistas de patinação e dança, além de área reservada para circos e touradas. E era também dono do Clube dos Políticos, que foi o melhor cabaré da cidade nos anos dourados.

Gastão Machado veio a falecer em 26 de março de 1964. Na véspera, comemorando seu aniversário (65 anos), reunira amigos para um almoço, em que ficou emocionado com as demonstrações de amizade. Nos últimos anos de sua vida, envelhecendo, ele que sempre foi notívago e gostava de ficar sentado em um banco na praça São Salvador, era sempre aconselhado por amigos a ir para casa mais cedo e, assim, preservar a saúde. O velho boêmio alegava gostar da noite e se fosse para casa mais cedo, poderia de manhã, ao sair de casa, encontrar com sua alma vindo da rua, segundo escreveu Oswaldo Lima.

No local onde Gastão costumava sentar todas as noites, para suas tertúlias, foi colocado após sua morte, um busto do teatrólogo, por iniciativa de um grupo de jornalistas e atores, tendo à frente o jornalista Latour Arueira, que com sua bondade e desprendimento tem trabalhado para preservar a memória artística e cultural de Campos.



“... Cecília apertou o nariz da vítima e Cherubina lhe segurou fortemente os braços, enquanto Letícia concluía a sua obra de estrangulamento.”



Gastão Machado  
Desenho do próprio com as letras  
do seu nome.

Ilustração de Gastão Machado para o seu livro “*Os Crimes célebres de Campos*”

### **Laert Chaves**

Laert Chaves, poeta e trocadilhista que se tornou conhecido pela sua irreverência, era além de sátiro um místico. Seu sobrinho, Carlos Chaves Damásio, que coordenou com outros membros da família do poeta, a edição em 1982, da antologia *Tal pai, tais filhos*, reunindo poesias do promotor público Obertal Chaves e de seus filhos Cássio e Laert, disse que Laert Chaves viveu despojado de ambições e filosoficamente simples. As poesias dele reunidas na obra revelam tanto seu platonismo como o seu lado cristão.

Aposentado como revisor do Diário Oficial do Estado, o generoso poeta passou os proventos que recebia para sua mãe, D. Gely, contra a vontade dela — como revelou seu irmão Cássio — embora sabendo que ela recebia pensão de viúva suficiente para suas necessidades.

O poeta, que andava sempre cabisbaixo, com o terno sujo e gravata amarfanhada, tornou-se conhecido pela sua irreverência. Dormia na redação da *Folha do Comércio*, órgão da Associação Comercial de Campos (ACC), na Praça São Salvador, enrolado em folhas de papel jornal. Quando lhe perguntavam onde morava, dizia que vivia dormindo nas “folhas” como borboleta, ora na *Folha do Comércio*, ora na *Folha do Povo*. E passou a vida se alimentando de pão com manteiga e sopa, que os amigos pagavam para ele.

O diretor do jornal e presidente da ACC, Ernesto Lima Ribeiro, um conservador liberal, abria espaço em sua gazeta para escritores e poetas de vanguarda. Tanto Laert como o anarquista Ulysses Martins publicavam poesias e artigos, dividindo o espaço com articulistas de idéias opostas às suas, como Izimbar do Peixoto, entre outros. A redação tinha como secretário o jornalista João Corrêa.

O prédio antigo da Associação Comercial de Campos foi demolido, em 1980, para a construção do Edifício Ninho das Águias, que é um complexo comercial e de serviço que inclui a própria sede da Associação, no 16º andar. A *Folha do Comércio*, jornal lançado em 1909 pela ACIC, circulou até 1979, quando estava nas mãos do jornalista Vivaldo Belido, que o havia arrendado. Mais recentemente passou a dar nome ao boletim oficial da entidade, presidida atualmente pelo despachante Adão Faria.

O poeta tornou-se conhecido na cidade pelos trocadilhos. Suas poesias, entretanto, revelam seu lado místico, com tendência para o platonismo sem deixar de ser um cristão. Laert nasceu em 28 de setembro de 1911 e morreu em 28 de fevereiro de 1969. O que o teria levado a abandonar o emprego, a família, e a despojar-se dos bens materiais?

### **a) O Sátiro e seus Trocadilhos**

Os trocadilhos do poeta deveriam ser um recurso de autodefesa contra a incompreensão e a intolerância da sociedade. Perguntavam-lhe se tinha namorada e ele dizia que se chamava Zita. E explicava: “para Zita eu nasci, para Zita tenho vivido e para Zita hei de morrer”. Em relação ao sexo dizia que geralmente sonhava e “botava nas colchas”.

Laert, que gostava do ócio, embora funcionário da Estação Meteorológica e do Diário Oficial, por onde aposentou, certa vez faltou o trabalho por vários dias, deixando seu chefe em dificuldade devido ao atraso dos boletins onde anotava informações sobre as condições climatológicas. Ao voltar à estação, após prolongada ausência, seu chefe, Seixas Tinoco, reclamou de suas faltas, que lhe trouxeram problemas. O trocadilhista disse acreditar que ia ao trabalho apenas para “fazer número”. Implicado com o relógio, costumava dizer que “relógio que atrasa não adianta” e que “em relógio de bolso não se devia dar corda porque já tem corrente”. Dizia ainda que “relógio de manicômio não podia estar certo”. Um carregador que levava enorme relógio de parede para o concerto numa relojoaria do Centro, sem querer, tombou Laert no chão. Ele ao levantar-se perguntou ao desastrado: “por que você não leva o relógio no pulso como todo mundo?”

Numa roda no Centro, um grupo de amigos bem sucedidos exibiam ternos novos, que diziam ser de tropical e casimira ingleses e linho irlandês. Laert então exibiu seu surrado terno, que disse ser de casimira russa.

Combinara Laert, com o amigo Nilo Terra Arêas, a publicação de suas obras, deixando com este os originais. Tais obras nunca foram publicadas.

Indagado, certa vez, sobre seu livro, Laert respondeu: “Meu livro é uma esfinge”. O interlocutor, confuso, tornou a perguntar:

- “Esfinge por que Laert?”
- “Porque é um segredo do Nilo...”

Seu trabalho na estação Meteorológica era auxiliar as sondagens atmosféricas, anotando-as e dizendo: “Top”. Certa vez um amigo, vendo-o trabalhar, isto é, a dizer, a cada instante, “top”, “top”..., indagou: “Afimil o que você é aqui?”

— “Você não está vendo que eu sou: o... **topista?**”

Dr. Cardoso de Mello lhe dera, certa vez, uma bonita gravata nova. Encontrando-se com Laert, usando-a toda amarrotada, um amigo perguntou:

— “Laert, por que você não passa essa gravata?”

— “Porque ‘presente’ não é ‘passado’.”

D. Odeta, sua mãe, mandara-lhe um bonito terno de casimira pelo aniversário. Indo Laert a Friburgo visitá-la, quis a mãe saber se gostara da roupa:

— “Vendi-o”.

— “Mas Laert...”

— “Vendi-o, sim, mamãe. O terno era muito folgado e eu estava muito ‘apertado’.”

Juarez Távora, Ministro da Viação, achara por bem desativar a linha ferroviária Campos–São João da Barra que se tornava cada vez mais deficitária pela ausência de passageiros e pelos atrasos constantes. Laert, então, comentou:

— É... São João da Barra foi se atrasando, se atrasando, até que perdeu o trem...

Num domingo de carnaval, estava o Laert à porta da Confeitaria Francesa, em Campos, quando surgiu uma briga entre os que bebericavam no bar. A polícia acudiu logo, o “rapa” apareceu e um dos soldados entendeu de levar o Laert preso, o que foi feito apesar dos gerais protestos dos que estavam no local.

Laert quis resistir e o tal soldado, dando-lhe uns empurrões, colocou-o à força na viatura.

Instantes depois, toda a turma da imprensa estava na delegacia, para protestar e libertar o poeta. Resolvido o problema, quando ele ia saindo, falou, à meia voz, ainda com receio do truculento policial.

— Soldado... Soldado... Lá em casa eu tenho um pinico que já foi soldado três vezes.

Raul Pederneira, trocadilhista da “velha guarda”, do tempo de Emílio de Menezes e Paula Nei, estando de visita a Campos, hospedado na fazenda de Atilano Crisóstomo, sabendo o trocadilhista prodigioso que era Laert, resolveu provocá-lo. Havia em um curral um terno (um touro e duas vacas) de gado de raça. O touro sobre um murundu e as duas vacas em plano mais baixo. Raul, dirigindo-se a Laert perguntou:

— É isso, “seu” Chaves, o que se chama um boi...cotado?

A resposta foi imediata:

— Não Sr., isso é uma rez...posta à altura!

Certa tarde Laert transitava pelo Boulevard, repleto de gente, quando viu o gordo e simpático teatrólogo e jornalista Gastão Machado. E veio a indagação brincalhona:

— Como vai você, Chaert Laves?

E a resposta veio imediata:

— Vou muito bem, meu caro Machão Gastado!

Num sábado pré-carnavalesco, passava o Laert pelo Café Clube, com um livro na mão. De uma mesa próxima à porta, onde chopeavam Claudinier Martins, Luiz Balbi e outros boêmios, alguém provocou:

— Laert, isso aí é o seu livro de ouro?

Ele sorriu, folheou o livro e disse:

— Não é de ouro. Folheado, apenas...

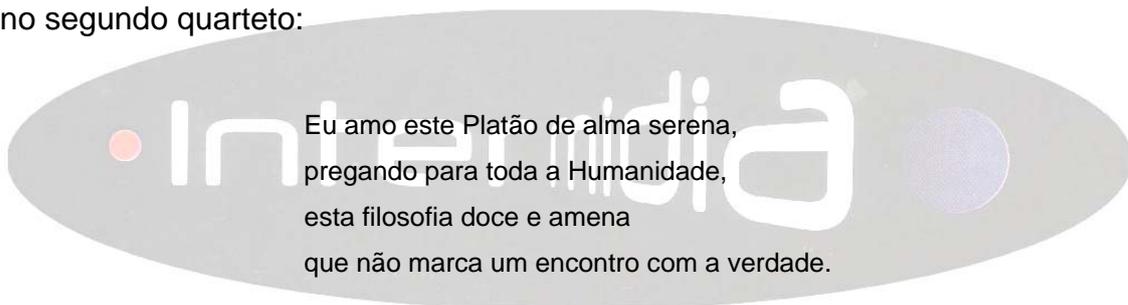
Disse-lhe um amigo:

- Laert, você com seus trocadilhos ainda acaba preso!
- Você tem razão! Acho que vou parar com isso. Não há coisa que mais dê... “grade” que prisão!

Como se pode observar nos trocadilhos acima, Laert Chaves possuía irreverência, inteligência e espírito humorístico natos. Por isso, tornar-se-ia uma grande falha estudar o humor campista e não dedicar um espaço da pesquisa a essa figura do riso, que a nova geração de Campos não conhece.

### **b) O Místico**

O platonismo do poeta, que era cristão e místico, despojado das coisas materiais, torna-se evidente nas poesias reunidas no livro editado por seu sobrinho, Carlos Chaves Damásio. No soneto *Platônico*, por exemplo, ele diz, no segundo quarteto:



E no segundo terceto, revela sua crença cristã, quando diz:

— queremos a todos como um bom cristão  
e lutando por ver disseminadas  
as sementes das ânsias de Platão.

Em *Mística*, o poeta revela como era elevado e puro o seu amor:

A sua imagem surge-me formosa,  
de vestes alvas e com o brando véu  
em torno à face muda e vaporosa,  
pura, tão pura como azul do céu.

Quisera eu ter naquela tarde rosa  
um pequenino e mágico pincel

Para gravar em tela milagrosa  
esse divino rosto de painel.

Toquei-o. Das carícias mais ditosas  
meu ser sentiu-se inteiro possuído,  
formosa entre as mulheres mais formosas!

E, num suspiro de elevado gozo,  
vi-a sumir-se pelo azul perdido,  
como a visão de um ente vaporoso...

No dia em que ele morreu na praia de Atafona, para onde foi levado pelo seu irmão Cássio Chaves, encontraram em seu bolso, a seguinte oração:

*Oração a Jesus*

Dai-me uma còdea do vosso pão espiritual,  
Uma réstea de vossa luz,  
Uma migalha de vossa ternura.  
Dai-me uma gota de vosso orvalho divino  
Para que eu possa substituí-lo  
Pelas lágrimas que caem aqui e ali.  
Se tudo isso me derdes  
E todas estas dádivas me forem trazidas,  
Eu estou certo que irei,  
Nos meus dias futuros,  
Seguir, em sua plenitude,  
Os caminhos traçados pelo Pai que vos enviou.

Diante de todas as exposições feitas sobre os artistas do humor, Gastão Machado e Laert Chaves, ficou evidente a importância de seus trabalhos para a comunidade goitacá. Logo, seria uma grande falha tratarmos da linguagem humorística de Campos sem reservar um espaço a eles.

## **Considerações finais**

Vimos, no decorrer desse trabalho, de que maneira o humor, recurso artístico-comunicacional, tem sido apresentado como fenômeno de cultura, uma vez que é capaz de construir subjetividades. Também verificamos a importância de se ter um discurso humorístico presente em uma imprensa local, com especial destaque Campos dos Goytacazes, cidade considerada “conservadora”.

Foi possível, ainda, observar a quantidade de manifestações da arte do riso na sociedade goitacá, fato desconhecido não só pelos habitantes da planície, mas também por alguns atores do jornalismo local. Isso, além de ter motivado a pesquisa, nos dá a certeza da impossibilidade de abranger todo esse rico universo de modo conclusivo.

Conseguimos identificar, do mesmo modo, a imensa complexidade que caracteriza o campo da linguagem humorística, possibilitando uma breve abordagem em algumas proposições de Aristóteles, Bakhtin, indo até os teóricos que se dedicam às particularidades do humor, em suas variadas possibilidades discursivas. Apesar da imensidão desses temas, surgem de modo marcante ao final de nossa pesquisa importantes reflexões como: o humor enquanto elemento cultural, lingüístico e eficaz fonte de informação e crítica.

A princípio, podemos dizer que o humor é uma qualidade vital da condição humana, porque quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura. Assim, podemos ver as manifestações do riso como uma espécie de memória histórica, pois seus temas revelam questões importantes de determinadas sociedades, desde os interesses dominantes até valores relativos à identidade.

Além disso, pudemos constatar que a linguagem humorística, através de traços como a alegria, a graça, a imaginação e o senso crítico cultural, é capaz de romper com o senso comum ao evocar o inesperado, a surpresa. Com efeito, os assuntos do cotidiano são colocados em contextos chocantes, para tornar o público ou os leitores conscientes de seus preconceitos e dos problemas que afligem suas comunidades.

Desse modo, percebemos que o produtor de charge ou sátira destaca e privilegia a apreensão de aspectos do cotidiano, trabalhando com propriedade o texto construído. Em razão disto, os temas por ele apresentados atuam no universo do indivíduo, como pontos de identificação com o seu cotidiano. Por estes motivos, pode-se conceber o discurso humorístico como sinônimo de dialogismo, “crítica” e, conseqüentemente, de virtualização do saber.

Por tais razões, incluir a linguagem humorística nos veículos de comunicação implica uma mudança de modalidade comunicacional. Passa-se da modalidade passiva para uma certa interatividade dialógica. No primeiro aspecto do ato de comunicar, a imagem é fechada, o emissor é um contador de histórias e atrai o receptor de maneira pouco sedutora ou impositora. No segundo modelo de comunicação, a mensagem torna-se modificável na medida em que responde às solicitações daquele que a consulta, explora, manipula.

Assim, a partir de produtos culturais empíricos criados por eventos comunicacionais inseridos em contextos determinados, o auditório torna-se capaz de desvelar as estratégias persuasivas contidas nas *operações de enunciação*, recriando o universo de discurso em jogo no processo comunicativo. Sabe-se que a participação ativa do indivíduo no meio de comunicação é, atualmente, o grande desafio. É inegável que a grande transformação do mundo só pode se dar pela educação. Logo, educar para a leitura da narrativa humorística, texto portador de muitos valores e concepções, é estruturar conhecimento, através da informação e propiciar mudanças históricas.

É importante ressaltar, ainda, que revoluções históricas acontecem quando longos e quase invisíveis processos de transformação das relações sociais e econômicas tornam-se visíveis, em instantes de fulguração política, nos quais é reconhecido o advento de uma nova sociedade como obra de seus próprios sujeitos. Vale lembrar, também, que as relações críticas com os meios de comunicação ocorrerão quando cada indivíduo conscientizar-se da sua condição de ser histórico, da História de seu mundo, da sua capacidade de fazer História.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Ângelo; CAMPOS, Américo de; REIS, Antônio Manoel dos. *Cabrião* - Semanário Humorístico 1866-1867. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BREMMER, J.; ROODENBURG, H. *Uma história cultural do humor*. Trad. de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CARVALHO, Waldir P. *Gente que é nome de rua*. Campos dos Goytacazes: Vonetos & Filhas, 1985-2001. 3 v.

COSTA, Lígia Militz da. *A poética de Aristóteles mímese e verossimilhança*. São Paulo: Ática, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Herbson da Rocha. *Almanaque de Campos*. Ed. 2004.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros 1836-2001*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

LE MOS, Renato (org.). *Uma história do Brasil através da caricatura – 1840-2001*. Rio de Janeiro: Bom Texto: Letras e Expressões, 2001.

MACHADO, Gastão. *Os Crimes Célebres de Campos*. 2. ed. Campos: Indústrias Gráficas Atlas Ltda, 1965-1966.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas; São Paulo: Pontes, 1997.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michael. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PESSANHA, Saulo. *Anedotário político*. Campos dos Goytacazes: InterG Comunicações, 2003. V. II.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RIANI, Camilo. *Linguagem & cartum... tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. *No mesmo barco*. Ensaio sobre a hiperpolítica. Trad. Hélder Lourenço. Lisboa: Edições Séc. XXI, 1996.

VEYNE, Paul M. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 1998.

